

O TROTE VERDE NO CCHSA/CAVN/UFPB: UMA AÇÃO AMBIENTAL REALIZADA COM OS DISCENTES

Josivania Ribeiro da Silva; Gilvaneide Alves de Azeredo; João Henrique Constantino; Damiana Justino Araújo; Orientadora, Vênia Camelo de Souza

(Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, Departamento de Ciências Básicas e Sociais, josivaniar@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, Departamento de Agricultura; Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrária, discente do curso de Agroecologia; Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrária, discente do curso de Licenciatura em Ciências Agrárias; Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, Departamento de Ciências Básicas e Sociais, venia_camelo@hotmail.com;)

Resumo: A educação ambiental é prática necessária e crescente diante da necessidade de preservação do meio ambiente, explorado de modo desmedido e inadequado nos últimos anos. Esse modo de agir e pensar tem causado impactos ambientais danosos e despertado uma preocupação coletiva que busque meios de melhorar a relação do homem com o meio ambiente. Isso se faz importante em todos os níveis de processo educativo, sobretudo nas escolas, para a formação de cidadãos conscientes desde os primeiros anos de vida. O presente trabalho relata a experiência vivida pela coordenação do meio ambiente durante o Trote verde, que consiste no plantio de espécies nativas em uma área denominada Bosque do Futuro na Universidade Federal da Paraíba campus III, Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias. O Trote verde tem como objetivo desenvolver nos discentes a sensibilização ambiental no início da vida acadêmica e uma conscientização ambiental necessária durante toda a sua caminhada na vida acadêmica no CCHSA/UFPB.

Palavras-chave: ecologia, espécies nativas, preservação, educação ambiental.

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental, nos dias atuais, é um tema bastante discutido devido ao fato de se perceber a necessidade de uma melhoria do mundo em que vivemos, pois é facilmente notado que estamos regredindo cada vez mais em nossa qualidade de vida de um modo geral, nos deixando levar por nossas obrigações diárias. Nosso tempo nos parece cada vez mais curto porque temos cada vez mais compromissos (GUEDES, 2006).

Segundo Dias (2004), a expressão “Educação Ambiental” surgiu apenas nos anos 70, sobretudo quando surge a preocupação com a problemática ambiental. A partir de então surge

vários acontecimentos que solidificaram tais questões, como a Conferência de Estocolmo em 1972, a Conferência Rio-92 em 1992, realizada no Rio de Janeiro, que estabeleceu uma importante medida, Agenda 21, que foi um plano de ação para o século XXI, visando à sustentabilidade da vida na terra, dentre outros.

A Educação Ambiental se constitui numa forma abrangente de educação, que se propõe atingir todos os cidadãos, através de um processo participativo permanente que procura incutir uma consciência crítica sobre a problemática ambiental. A atual problemática ambiental revela uma crise da própria civilização. Não é a natureza que se encontra em desarmonia - é a própria sociedade. É fundamental para todo o ser humano cumprir com suas obrigações e cuidar bem da natureza (SILVA, 2012).

São vários os problemas de ordem ambiental: aquecimento global, mudanças climáticas, escassez de recursos naturais, resíduo. Em resposta a essas questões, têm sido gerados novos saberes no campo da ciência, tecnologia e educação chamada ambiental de modo a se proporem alternativas para que o homem possa relacionar-se com o ambiente de maneira sustentável, e a mídia tem contribuído sobremaneira na veiculação desses conhecimentos (SULAIMAN, 2011).

Atualmente, as questões ambientais têm sido alvo de preocupação não apenas de ambientalistas, ONGs (Organizações Não Governamentais), como também de especialistas. Estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas e esbarram não apenas nas informações de seu cotidiano, mas em suas obrigações como cidadãos. O poder público também tem apresentado preocupação, contudo, isto se dá muito mais em vista de obrigações legais do que por preocupação dos benefícios que a consciência ambiental pode trazer (REIS et al., 2012).

A sociedade humana como se apresenta nos dias atuais é insustentável, tem muito a se fazer para amenizar grandes problemas que a humanidade vem enfrentando nos últimos tempos, como o crescimento acelerado da população e a degradação dos recursos naturais entre tantos outros; um meio eficaz para se transformar essa situação é através da Educação (SILVA, 2012).

No Campus III, a Coordenação de Meio Ambiente instituída mediante Portaria GD/036/2013 desenvolve semestralmente diversas atividades (trote verde, coleta seletiva, oficinas, Semana de Meio Ambiente, conscientização ambiental, etc) com o envolvimento de discentes, docentes e servidores técnicos-administrativos e todas essas ações visam sensibilizar a comunidade do CCHSA sobre a necessidade urgente de mudança de comportamento em relação ao que está ao nosso redor a fim de que adotemos novas posturas, como indivíduos, quanto nas nossas relações com os outros e com o ambiente. Neste contexto, este trabalho visa descrever a experiência vivida

pela coordenação do meio ambiente durante a prática ambiental do Trote verde realizado a cada início de semestre na Universidade Federal da Paraíba campus III, Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias, em conjunto com o Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, ambos em Bananeiras – PB. O Trote verde tem como objetivo desenvolver nos discentes a sensibilização ambiental no início da vida acadêmica e uma conscientização ambiental necessária durante toda a sua caminhada na vida acadêmica no CCHSA/UFPB.

METODOLOGIA

A atividade foi desenvolvida no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias da Universidade Federal da Paraíba, *Campus* III em Bananeiras – PB, no dia 08 de setembro de 2017, pela comissão do meio ambiente sob a coordenação da Professora Venia Camelo de Sousa, coordenadora da Comissão de meio ambiente do referido campus.

O trote verde aconteceu em dois momentos: um teórico (Figura 1) e um prático, para que se pudesse atingir os objetivos pre-estabelecidos. O momento teórico ocorreu no auditório do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros a partir das oito horas do corrente dia e contou com a colaboração de alguns membros da comissão do meio ambiente e com a participação de todos os feras do CCHSA-CAVN. Realizou-se então um momento informativo mostrando a importância do trote verde, apresentando a área que está sendo recuperada a partir dessa ação e a sua importância para o campus. A área escolhida está localizada na segunda chã do campus e é denominada: “bosque do futuro” por ser uma área que está sendo recuperada com mudas de espécies nativas, que se não beneficiarem às pessoas hoje, certamente serão beneficiadas em um futuro próximo. Durante o momento de conscientização ambiental foram apresentadas propostas para o uso consciente de diversos itens como material de expediente, descartáveis, água, energia elétrica, o descarte correto do lixo do campus, além da proposta de mudança de hábito a partir de então. Na conclusão desse momento foram distribuídas squeezees para que não necessitem dos copos descartáveis para o consumo de água, durante sua vida acadêmica no campus.



Figura 1. Dia do Trote verde: Momento de Conscientização ambiental no auditório do CAVN.

No segundo momento, os discentes foram conduzidos ao “bosque do futuro” para o plantio de 35 novas mudas de espécies nativas que passarão a ser responsabilidade dos mesmos até que concluem seus cursos (Figura 2). Para esse momento, além da coordenação do meio ambiente, contou-se com a colaboração do setor de agricultura do campus, que além de produzir as mudas, também orientou no plantio correto.



Figura 2. Trote verde realizado com os discentes no Bosque do Futuro (CCHSA/UFPB).

Plantar uma árvore é plantar vida. Assim como os discentes que estão iniciando um novo curso necessitam de cuidados para que cresçam pessoalmente e profissionalmente, assim também a árvore que foi plantada precisará. Desse modo foi feita uma relação do plantio da árvore com sua vida acadêmica e lançada a semente para que o discente perceba a importância de cuidar bem do ambiente em que vive para que não sofra as consequências.

Resultados e Discussão

Já foi contabilizada uma variedade de aproximadamente 45 espécies de 160 mudas nativas na área. O bosque do futuro é uma área de aprendizagem múltipla voltada para a educação ambiental que vem sendo arquitetada com a dedicação de discentes e docentes do CCHSA, sobretudo, aqueles que compõem a Coordenação de Meio Ambiente do Campus III. Após o plantio, é necessário que as mudas recebam alguns tratos culturais, sendo eles: capina seletiva, tutoramento, cobertura morta, adubação orgânica e adubação verde. Dessa forma, sob orientação do docente, os estudantes realizam essas práticas ecológicas no local, objetivando um maior desempenho das mudas, consequentemente, contribuindo para a sucessão ecológica na área.

A prática de capina seletiva consiste na retirada de plantas espontâneas que competiam por luz, água e nutrientes com as mudas, sendo realizada uma capina num raio de 1 metro em torno das espécies florestais; a prática de tutoramento trata-se na alocação das estacas que têm como objetivo evitar o tombamento das mudas através da ação do vento e outras intempéries. O uso da cobertura morta fez-se necessário, visto que a mesma retém a umidade do solo propiciando as condições favoráveis para o enraizamento e absorção de nutrientes pelas mudas florestais, além disso, a matéria seca irá decompor-se no próprio local mantendo o equilíbrio da ciclagem de nutrientes, a cobertura usada no colo de cada planta foi o capim *Brachiaria*, o qual cobre predominantemente o solo local.

A prática com adubação orgânica serve para melhorar a qualidade do solo, o adubo utilizado foi de origem animal (esterco bovino ou caprino previamente curtido), sendo espalhado e incorporado ao solo próximo das mudas, disponibilizando macro e micronutrientes para as plantas e conseqüentemente alterando as propriedades físico-químicas do solo, condicionando-o ao desenvolvimento de microrganismos benéficos, favorecendo a absorção da solução aquosa do solo pelas plantas, além de evitar os processos erosivos no solo. Sendo assim, nota-se a importância da matéria orgânica do solo como fator de relevância ímpar na recuperação de áreas degradadas. Para Felfili e Silva Júnior (2001), a importância da recuperação advém da necessidade de retenção do solo, contenção da erosão, manutenção da biodiversidade e da beleza cênica.

Já a prática com adubação verde fundamentou-se no potencial de algumas plantas leguminosas atuarem na recuperação de áreas degradadas, enriquecendo o solo, sobretudo com nitrogênio. Muitas leguminosas formam uma massa volumosa que quando incorporada ao solo, melhora sua estrutura além de disponibilizar nutrientes. Nesse sentido, Ferro; Souza e Caldeira, (2012), relatam que a problemática da recuperação de áreas degradadas causados pela degradação florestal é antiga, no entanto, só recentemente esta adquiriu um caráter de uma área de conhecimento, os programas de recuperação deixam de ser mera aplicação de práticas agronômicas ou silviculturais para assumir a tarefa de reconstrução dos processos ecológicos. Ainda, segundo os autores, no Brasil, tem-se verificado nos últimos anos, uma grande preocupação com a preservação das florestas naturais, bem como com a recuperação de áreas degradadas e recomposição de matas ciliares destruídas ou perturbadas.

Se quisermos garantir a sobrevivência do planeta, é necessário promover a mudança de comportamento. Nesse contexto, ao plantar árvores (mudas), o discente é estimulado em todos os

sentidos: ele aprecia a estrutura e consistência do substrato, percebe a diversidade de espécies e sente a textura das folhas e do caule das plantas. Mediante a prática realizada, os estudantes compreenderam a importância do plantio de espécies nativas numa área descampada, sendo despertados para a urgência de preservar, conservar e restaurar as nossas florestas. Dessa forma, se o estudante cresce em contato com a natureza, possivelmente ele será um defensor ambiental, por entender que ele também é parte da natureza.

Essas ações são de grande importância por possibilitarem a recomposição de áreas degradadas e, conseqüentemente, a recuperação de parte da nossa flora e fauna. Essas ações ambientais são uma forma de mostrar aos estudantes a importância de manter uma área revitalizada no Campus, proporcionando benefício ambiental no local, a partir do desenvolvimento das mudas no “Bosque do Futuro”, além de resultar numa percepção mais ampla da importância da preservação do meio ambiente para os estudantes.

Tabela 1. Espécies arbóreas plantadas no Trote Verde 2017.1

Saboneteiro (<i>Sapindus saponaria</i> L.)
Timbaúba (<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong)
Oitizeiro (<i>Licania tomentos</i> (Benth.) Fritsch.)
Ipê Rosa (<i>Tabebuia impetiginosa</i> Stand. Sin)
Chichá (<i>Sterculia striata</i> A. St. Hil. & Naldin)
Jenipapeiro (<i>Genipa americana</i> L.)
Araçá Paulista (<i>Psidium cattleianum</i>)
Paineira (<i>Ceiba speciosa</i> (St.-Hill.) Ravena)
Coaçu (<i>Triplaris surinamensis</i> Cham.)
Cajueiro (<i>Anacardium occidentale</i> L.)
Angico (<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan)
Madeira Nova (<i>Pterogyne nitens</i> Tull.)
Monjoleiro (<i>Senegalia polyphylla</i> (DC.) Britton & Rose)
Canafístula (<i>Cassia brasiliiana</i> Lam.)
Cedro (<i>Cedrela fissilis</i> Vell.)
Jatobazeiro (<i>Hymenaea courbaril</i> L.)
Aroeira (<i>Myracrodruon urundeuva</i> Fr. Allem.)
Guapuruvú (<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) Black)
Pau Ferro (<i>Caesalpinia férrea</i> Mart. Ex Tul.)



A área de plantio das mudas é denominada “bosque do futuro”, uma menção a representatividade da importância deste bosque para o Campus, uma vez que, além de representar uma área verde revitalizada, também é um espaço de aprendizagem múltipla das questões ambientais, e também o “fruto” das turmas de Graduação e dos cursos técnicos, uma vez que ao cultivarem uma árvore a turma terá uma espécie que representará toda a trajetória durante o curso.

CONCLUSÕES

Todo início de semestre é realizado o Trote verde na mesma área, no Bosque do Futuro, plantando espécies nativas estamos conscientizando os estudantes da importância de se construir e manter uma área verde, revitalizando o Campus e formando o “Bosque do Futuro.

A área denominada “bosque do futuro” é um local disponível para a sucessão primária, portanto, o plantio de espécies vegetais nativas na área contribuem para o processo de sucessão ecológica no local.

O Trote verde é uma prática de sensibilização ambiental dos discentes no início da vida acadêmica e uma conscientização ambiental necessária durante toda a sua caminhada na vida acadêmica no CCHSA/UFPB.

REFERENCIAS:

DIAS, G. F. **Educação Ambiental**: princípios e práticas. 9a ed. São Paulo. Gaia, 2004.

FELFILI, J.M.; SILVA JUNIOR, M.C. de. **Biogeografia do bioma cerrado: estudo fitofisionômico da chapada do Espigão Mestre de do São Francisco**. Brasília: UnB/ Departamento de Engenharia Florestal, 2001. Cap. 6, p. 35-36.

FERRO, P. D.; SOUZA de, A. A.; CALDEIRA, D. R. M. **Avaliação do Desenvolvimento de Espécies Arbóreas em Recuperação de Mata de Ripária**. III Congresso de Gestão Ambiental. Goiânia/GO, Brasil, 2012.

GUEDES, José Carlos de Souza. **Educação ambiental nas escolas de ensino fundamental**: estudo de caso. Garanhuns: Ed. do autor, 2006.

SILVA, D.G. **A importância da educação ambiental para a sustentabilidade** (Trabalho de Conclusão de Curso), como Especialista em Ciências Biológicas com ênfase em Gestão Ambiental, São Joaquim, 2012, 11f.

SULAIMAN, S.N. **Educação ambiental, sustentabilidade e ciência: o papel da mídia na difusão de conhecimentos científicos.** *Ciência & educação*, v. 17, n. 3, p. 645-662, 2011.

REIS, L.C.L.; SEMÊDO, L.T.de A.; GOMES, R.C. **Conscientização Ambiental: da Educação Formal a Não Formal.** *Revista Fluminense de Extensão Universitária, Vassouras*, v. 2, n. 1, p. 47-60, 2012.